

CORPO, GÊNERO E VIOLÊNCIA NA EDUCAÇÃO MÉDICA

FELIPE FRANKLIN DE LIMA NETO¹
JOSÉ GERARDO VASCONCELOS²

Resumo: O objetivo do artigo é problematizar as relações de poder existentes entre corpo, gênero e violência na formação social, ética e educacional dos estudantes de medicina. A investigação parte dos relatos discentes sobre trotes e violências de gênero ocorridas em calouradas de medicina que foram publicados em jornais acadêmicos, cartilhas produzidas pela Diretoria Nacional dos Estudantes de Medicina (DENEM), coletâneas e artigos científicos sobre educação médica. A análise e revisão bibliográfica, literária, conceitual e epistemológica dos livros, artigos, documentos, discursos, memórias e entrevistas pesquisados e colhidos são escrutinados junto às perspectivas teóricas e metodológicas propostas por Michel Foucault. Nesse contexto, os saberes, poderes e estratégias que atravessam as estruturas, os agentes, as representações, as práticas, as assimetrias e os conflitos nos critérios objetivos e subjetivos que emolduram, condicionam e desmancham a educação e a formação dos estudantes de medicina são abordados. Dessa forma, a problematização observa e identifica a emergência de práticas contra-hegemônicas e novas possibilidades discursivas inscritas no seio da formação hegemônica da educação médica. Essas múltiplas formas de questionamentos e resistências existentes frente às dinâmicas patriarcais, racistas, sexistas e homofóbicas indicam que os processos de formação dos estudantes de medicina não são homogêneos. Dados os impactos sociais, culturais, políticos e econômicos acionados pelos desdobramentos desses processos formativos, a diversidade dos conflitos, resistências, retrocessos e emancipações que atravessam esses processos mapeados na pesquisa demonstra a necessidade do debate democrático e o contínuo aprofundamento no tema.

Palavras-chave: *Corpo. Gênero. Violência. Educação médica.*

INTRODUÇÃO

A discussão sobre as dinâmicas violentas, patriarcais, racistas, classistas, sexistas e homofóbicas inscritas nos processos de formação ética e socioeducacional dos corpos e subjetividades dos estudantes de medicina chegaram ao nosso conhecimento durante uma pesquisa de doutorado sobre o campo da educação médica, LIMA NETO (2016). Pelo menos três casos de mortes foram reconhecidos nesse período. O suicídio de um estudante da UFC, a morte por afogamento numa piscina durante um trote numa calourada na USP e a morte por erro médico de uma estudante da

¹Pós-doutor em Educação pela *Universidade Federal do Ceará* (UFC). Pesquisador colaborador NHIME/PPGE/FACED/UFC. E-mail: guanaces@yahoo.com.br

² Professor Titular do Programa de Pós-graduação em Educação da *Universidade Federal do Ceará* (UFC). E-mail: gerardovasconcelos@ufc.br

Federal de Santa Maria/ RS. Ao longo da pesquisa fotografamos pichações realizadas pelos estudantes nos muros da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará. Uma delas, logo atrás do muro do Centro Acadêmico XII de Maio, se referia à violência no campus de Porangabussu, local de uma das mortes.

Aspeadas e emergentes numa incrível sequência, as matérias relativas ao assunto assombram em cascata³: “Festas “escondem” tortura em trotes de Medicina da PUC e Unicamp”, “Calouros têm corpo pintado com arte de Romero Brito em trote na UFRJ”, “Estudante é amarrado em poste durante trote na faculdade em SP”, “Estudante sofre queimaduras durante trote em faculdade de Santos/SP”, “PM diz que usou bombas de gás para conter tumultos em trote universitário”, “Um trote que chocou São Paulo, alunos de medicina denunciam abusos e violência em universidades”, “O trote, um ritual bárbaro ainda vigente na universidades do Brasil”, “Aluna diz ter sido obrigada a lambar testículos de boi durante trote na Bahia”, “ Agressões sexuais envergonham a melhor universidade do Brasil”, “ Coletivos feministas, denunciam, online, agressões nas universidades”.

Ao tempo em que a indignação e a movimentação política reivindicam uma sociedade mais plural, os velhos e conservadores mecanismos de preservação da ordem, se reapresentam inocentando réus confessos e culpados por violências. “Integrantes do show medicina negam violência em trotes da USP”.

³ Todos os títulos das matérias aspeadas são homônimos aos links de acesso na Internet. A análise das matérias e documentos será exercitada sob o prisma das relações de poder propostas por Michel Foucault (2004, 2008). As relações entre mídia, jornalismo, ciência e medicina foram contextualizadas por Tabakman (2013). A perspectiva histórica da educação médica no Brasil foi contextualizada por Nildo Alves Batista, Rosana Quintella Brandão Vilela e Sylvia Helena Souza da Silva Batista (2015). Um diálogo junto às reflexões desenvolvidas por Michel Foucault e Georges Canguilhem a partir das reconfigurações de um olhar anatomo-clínico para um olhar ampliado na formação médica foi apresentado por Maria Inês Nogueira (2014) ao discutir a formação médica no Brasil a partir do contexto de uma reforma curricular ocorrida na escola médica da Universidade Federal Fluminense (UFF). Já o contexto da formação ética, o desenvolvimento moral e ambiente de ensino-aprendizagem nas escolas médicas foi acionado por Sérgio Rego e Márcia Schillinger- Agati noutra coletânea sobre educação médica publicada no Brasil em 2011. A análise em perspectiva histórica, social e educacional de uma formação humanista, crítica e reflexiva dos estudantes de medicina nos marcos das diretrizes curriculares nacionais pode ser visitada na obra de Jadete Barbosa Lampert (2009) assim como na obra organizada por Derly Silva Streit et al sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais e seus impactos na educação médica. A Associação Brasileira de Educação Médica (ABEM) participou do processo editorial e da publicação dessas obras atestando a relevância e a pertinência das mesmas.

O coletivo Geni da Faculdade de Medicina da USP⁴ respondeu em nota de repúdio à essa tentativa. Em 8 de fevereiro de 2016, é realizada a denúncia da reprodução violenta de práticas patriarcais e das violações dos direitos humanos no dia simbólico da matrícula.

Repúdio ao espaço cedido pelo Centro Acadêmico Osvaldo Cruz ao Show Medicina no dia da matrícula da turma 104 da FMUSP. No fim de 2014 e começo de 2015, foi instaurada uma CPI na ALESP sobre violações aos direitos humanos em universidades paulistas e um dos grupos denunciados à época foi o Show Medicina da FMUSP. Este grupo de alunos, sob o pretexto de apresentar uma peça de teatro, reúne-se durante as madrugadas por cerca de um mês, nas quais preparam a peça, porém também realizam outras atividades de cunho trotista, machista e violento (saiba mais nos links do fim do texto). Além disso, há separação entre homens e mulheres nas atividades. Após esse resgate histórico temos que considerar alguns fatos. (...) O Coletivo Feminista Geni e o NEGSS (Núcleo de Estudos de Gênero, Saúde e Sexualidade) consideram que manter a continuidade da instituição Show Medicina na FMUSP sem acatar as recomendações feitas pelo MPSP, que atua em nome da lei e da constituição federal, é um DESRESPEITO À SOCIEDADE e às suas instituições. (...) Que não apaguem, nem repitam o passado.

Poucas semanas após a matrícula, no dia 2 de maio de 2016, o coletivo realiza uma ocupação questionando a falta de regulamentação da Universidade de São Paulo para os casos relatados e clama por mudanças institucionais e culturais no combate à opressão de gênero existente.

CARTA DE APOIO À OCUPAÇÃO DA SAS. O Coletivo Feminista Geni da FMUSP tem por um de seus eixos de fundação o reconhecimento da permissividade sistemática à violência de gênero nos campi. O espaço físico da USP, uma das universidades mais prestigiadas do país, tem sido palco de violações ao direito das mulheres ao próprio corpo, marcado pela impunidade de agressores, além de tolerância e pouca repercussão dos casos. Os crimes sexuais não são tipificados ou reconhecidos no Regimento da universidade e as instâncias designadas para apuração de casos são negligentes e pouco acolhedoras de vítimas. O Regimento do CRUSP prevê amparo legal e medidas administrativas nesse contexto, mas não permitiu que o reparo de vítimas se

⁴ As notas do coletivo Geni apresentadas no artigo se encontram na sua página do Facebook: Coletivo Feminista Geni da FMUSP. [Coletivo Feminista Geni da Fmusp - Página inicial | Facebook](#)

materializasse. As investigações de casos encaminhados a sindicâncias, quando conduzidas, não são transparentes quanto a seu modo de condução e já culminaram em conclusões culpabilizadoras de vítimas. Na FMUSP, esse *modus operandi* foi questionado e levado à apreciação pública na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo (ALESP) e através da CPI sobre a violação de direitos humanos nas universidades paulistas em 2014. Constatou-se a carência de políticas institucionais que determinem recursos e direitos a serem reclamados pelas vítimas, além da pouca problematização da temática e insuficiente divulgação dos recursos atualmente disponíveis (tais como o NAVIS, o USP Mulheres e a Ouvidoria). Saudações feministas e toda força às companheiras! Coletivo Feminista Geni.

A estudante Laís Krasniak, acadêmica da UFSC e da coordenação de extensão universitária e coordenação regional SUL- 1 em 2015, apresenta um trabalho publicado pela DENEM sobre trote e currículo oculto onde figuram os textos de Akerman (2014). O título aborda os trotes universitários. Para ilustrar o conteúdo racista, classista e homofóbico dos trotes, a estudante recorta o hino da universidade de Ribeirão Preto, uma das faculdades mais prestigiadas do Brasil. A economia política sexual e genitalizada tal como BUTLER (2012, 2017) indicou mostrando o viés falocêntrico e machista dessa economia dos corpos, prazeres e violências.

Ah! Mas como é bom/ A morena gostosa/ Abrindo as pernas,
querendo me dar/Aquela bucinha que suplica/Quero pica, quero
e quero pica/ Ah! Mas como é bom/ A loirinha bunduda/ Quero
só de me ver começa a gozar/ Mostrando um cuzinho fechadinho/
Que meu pau/ Sempre encontra no caminho/ Tem a preta
imunda/ Que me vira a bunda e começa a peidar/ Crioula da
buceta fedorenta/ Que eu não como nem lavada/ Em água benta.

Em 5 de outubro de 2017, o coletivo volta a se posicionar contra a histórica cultura opressiva no seio estudantil e universitário do curso de medicina da USP e aciona a necessidade de cumprimento das recomendações realizadas pelo MP de São Paulo.

O Coletivo Feminista GENI da Faculdade de Medicina da USP expressa seu repúdio a toda e qualquer organização que realize a segregação por gênero ou perpetue o machismo, homofobia e outras formas de opressão. Acreditamos que esse tipo de discriminação reforça a violência praticada contra grupos oprimidos em outros ambientes da faculdade, e assim,

manifestamos reprovação das tradições de exclusão e humilhação perpetradas pelo Show Medicina. Não consideramos instituições que propagam tais valores como extensões acadêmicas, em vista da ausência de valor educacional em suas ações e da não anuência a qualquer tipo de regulação. Portanto, nos posicionamos contra o uso de espaços da faculdade para sua promoção ou quaisquer atividades. Nos posicionamos a favor das recomendações da CPI de 2014, nas quais o Ministério Público do Estado de São Paulo recomendou ao diretor Dr. José Auler Jr que suspendesse o uso das dependências da Faculdade de Medicina para a realização de atividades como ensaios, propaganda e apresentações do Show Medicina. Apoiamos as recomendações diante da apuração da "evidente violação dos direitos humanos praticados pelos integrantes da Associação Cultural Show Medicina", com "troles violentos, castigos físicos, humilhações e discriminação de gênero", como também de "danos ao patrimônio público". Coletivo Feminista GENI da FMUSP.

As denúncias de violências e estupros se somam às denúncias de outras formas de arbitrariedades tais como o afastamento de professores que denunciam as práticas abusivas ocorridas na faculdade de medicina. Na São Paulo do dia 24 de outubro de 2016, a Rede Não Cala! de Professoras e Pesquisadoras pelo fim da violência sexual e de gênero na USP tem sua nota compartilhada pelo Coletivo Geni em sua página do facebook. A nota menciona a omissão da USP frente a violência sexual e de gênero, o ferimento da liberdade e da autonomia frente ao acompanhamento efetivo das práticas abusivas reproduzidas institucionalmente e pede providências.

Aluno acusado de violência sexual em 2014 está prestes a se formar!!!! Vamos DENUNCIAR! COMPARTILHEM. Nota Pública da Rede Não Cala de Professoras e Pesquisadoras da USP pelo fim da violência sexual e de gênero. Pelo menos desde 2014 a Universidade de São Paulo tem ciência de casos relevantes de violência, tendo sido emblemático o caso do aluno da Medicina que foi acusado de dopar e estuprar três colegas e denunciado pelo Ministério Público pelo crime de violência sexual. Esse caso corre na justiça comum e o julgamento pode demorar muitos anos. Em 2016, o aluno está prestes a se formar. Entendemos que a apuração realizada pela Faculdade de Medicina optou por aplicar uma suspensão e aguardar o resultado do processo jurídico. Temos plena convicção de que a USP não pode correr o risco de diplomar alguém que pode ser um agressor, ainda mais para o exercício de uma profissão destinada ao cuidado, como é o caso da Medicina. Além deste caso, muitos outros tramitam na Universidade ou

acontecem e não são denunciados, por diversas razões - por medo, descrença na efetividade da ação institucional, predomínio da impunidade em casos de violência no país. Nesse cenário, foi com espanto e indignação que soubemos que a coordenadora do NEADH (Núcleo de Estudos e Ações em Direitos Humanos) da FMUSP, Dra. Maria Ivete Castro Boulos, foi destituída de seu cargo, por e-mail, em 14 de outubro de 2016, sem maiores justificativas ou razões, o que configura um afastamento arbitrário (...).

A atuação conservadora de entidades representativas dos estudantes de medicina também é analisada e criticada. A mercantilização dos corpos femininos, a atuação de centros acadêmicos frente as questões similares, assim como a atuação de outros cursos e a denúncia de escritos sexistas nas paredes e portas de banheiros são abordados e visibilizados.

Essa luta pelo reconhecimento de corpos violentados, subalternizados e silenciados pelas normas instituídas na faculdade de Medicina da USP delinea os limites e assimetrias dos regimes de verdade estabelecido nos cânones acadêmicos. Dessa forma, ocorre uma disputa em que coletivos de estudantes buscam evitar, recusar e superar os termos machistas, racistas, homofóbicos e patriarcais nos quais essas formas de subjetivação institucionalizada e autoritária ocorrem no seio das normas, regras e costumes da formação e da educação médica. Dessa forma, tal como sugerido por Judith Butler (2017) “ Às vezes a própria falta de reconhecimento do outro provoca uma crise nas normas que governam o reconhecimento” (BUTLER:2017:37). Essa crise extrapola os limites universitários e adentra uma CPI na Assembleia Legislativa de São Paulo⁵.

Frente a essa realidade, correntes docentes e discentes contra-hegemônicas disputam as redes de saber e poder através da atuação de núcleos como o NAVIS, o Núcleo de Atendimento da vítimas de violência sexual do hospital das clínicas da FMUSP e o NEGSS, o Núcleo de Estudos em Gênero Saúde e Sexualidade. A postagem de 22 de março de 2016, mostra como tais coletivos e núcleos partiram da iniciativa política, social e cultural dos estudantes. A ligação com o vocabulário foucaultiano e butleriano também pode ser percebida pelo uso de expressões como “biopoder”.

⁵ SANSÃO, Luiza. *USP em Xequê: As Veias Abertas da Faculdade de Medicina*. Revista da USP. São Paulo: USP, 2015

O Coletivo Feminista Geni e o NEGSS (Núcleo de Estudos em Gênero Saúde e Sexualidade), ambos organizados por estudantes de medicina da FMUSP, convidam a todxs xs interessadxs a comparecer ao evento “Prostituição, Realidade e Saúde”, no dia 6 de Abril, às 18:30hs, no Porão da FMUSP (CAOC). Será uma oficina no formato de roda de conversa com o objetivo de analisar a prostituição sob uma narrativa da realidade prática de profissionais do sexo, submetendo-a a um recorte em saúde sob os princípios constitucionais de universalidade, integralidade e equidade. Vamos propor uma desconstrução do discurso tabu tradicional em torno do tema para favorecer uma política de promoção de direitos e de regulamentação da prostituição. O objetivo é situar o estudante nas questões concernentes ao conceito de vulnerabilidade e às diferentes formas de deficiência do atendimento em saúde, conscientizando como o discurso, a moral e o direito servem de instrumentos para “deixar alguns morrerem” ao invés de “fazer viverem”, conforme os cânones do biopoder. Conteremos com a presença de nossa querida Amara Moira, que é travesti, doutoranda em Teoria Literária pela Unicamp, prostituta, feminista e militante dos direitos de LGBTs e de profissionais do sexo. Ela terá 30 minutos iniciais para explanar sobre o tema e depois facilitará nossa discussão em seguida. Contamos com presença de todxs. Saudações estudantis, Coletivo Feminista Geni, NEGSS.

A inquietação com as questões relativas ao corpo, ao gênero e à violência na Educação Médica, as assimetrias de raça⁶, classe, gênero, etnia, a especialização e hierarquização dos saberes e poderes disciplinares inscritos no campo médico, a medicalização do corpo feminino e o papel das mulheres na medicina se dá por conta de vários fenômenos e situações observadas em campo.

Esses fenômenos são mais complexos e implicados do que se poderia supor à primeira vista. Já Theodor Adorno relacionava os trotes como indicadores e precursores da violência nazista. Seguindo além na análise, o pensador alemão percebeu que havia uma sutil e cínica ligação entre esse

⁶ Ver DAVIS, Ângela. **Mulheres, cultura e política**. São Paulo: Boitempo, 2017. O debate sobre o tema das violências exercidas sobre o corpo a partir do recorte de classe, raça e gênero sob o signo da interseccionalidade obteve uma boa contextualização introdutória no Brasil exercitada por Carla Akotirene (2019). No país, os coletivos de estudantes e as estudantes negras de medicina são atuantes nos debates conjunturais acerca da educação médica, assim como nas questões sociais, culturais, políticas, econômicas e ambientais mais estruturais. Em particular, destacamos a atuação do Coletivo NegreX.

comportamento e a sua naturalização social, política e cultural no quadro dos costumes.

A brutalidade de hábitos tais como os trotes de qualquer ordem, ou quaisquer outros costumes arraigados desse tipo, é precursora imediata da violência nazista. Não foi por acaso que os nazistas enalteciam e cultivaram tais barbaridades com o nome de “costumes”. Eis aqui um campo muito atual para a ciência (ADORNO: 2011; 128)

Através dessa perspectiva adorniana, vimos que alguns coletivos de estudantes de medicina, tais como as Atléticas, já foram historicamente relacionados às ações e interferências políticas autoritárias no seio do movimento estudantil de medicina introduzidas na época da ditadura militar⁷.

Um dos maiores especialistas na cultura trotista no Brasil, Antônio Ribeiro de Almeida Jr (2015), em documento produzido para discussão na CPI do trote em São Paulo, caracteriza o fenômeno como manifestação política da extrema direita no ambiente universitário. Uma ação permeada por um vocabulário corporificado por termos degradantes, militarizados, hierarquizados, classistas, racistas e homofóbicos e que encontra amparo e sustentação política e econômica em grupos e dirigentes empresariais, corporativos e mercantis que não à toa defendem um modelo de ensino que atende a seus interesses capitalistas, assistencialistas e hospitalocêntricos.

A crítica das condições de possibilidade de saberes e práticas violentas, patriarcais, machistas e homofóbicas que se tornaram hegemônicos no campo médico, percebe que essas posturas etnocêntricas sofrem combates, disputas e contendas nos mais variados níveis. Renata Mencacci, estudante de medicina da USP que sofreu agressões e perseguições por parte dessa trupe facistóide afirma que é necessário pensar uma a formação médica de forma crítica e emancipadora. O viés biologista e unicausal é denunciado pela estudante. A luta por educação médica humanizada e a democratização da universidade se irmanam.

Portanto, as nossas vivências no ambiente universitário, não limitadas à sala de aula, refletem-se em nossa postura enquanto profissionais médicos. A estrutura universitária atual, juntamente

⁷SANSÃO, Luiza. **USP em Xequê: As Veias Abertas da Faculdade de Medicina**. Revista da USP. São Paulo: USP, 2015.

com a não problematização das opressões que ocorrem dentro dela, fazem construir um médico cuja concepção de saúde é biologista, unicausal, médico-centrada e hospitalocêntrica. A incapacidade de empatizar impede-o de compreender a determinação social como central no processo de adoecimento e o coloca numa posição em que há uma barreira para o diálogo com o indivíduo que procura seus serviços. O currículo oculto deixa de ser uma questão etérea e passa a ser, então, uma questão fundamental para a educação médica. Uma formação em saúde verdadeiramente humanizada e socialmente referenciada só será possível com a completa modificação do currículo oculto, que deve ser acompanhada pela luta pela democratização da universidade e do acesso a ela.

Trata-se, portanto, de uma educação médica cuja “concepção de saúde é biologista, unicausal, médico-centrada e hospitalocêntrica. A incapacidade de empatizar impede-o de compreender a determinação social como central no processo de adoecimento” é permeada por intersecções de gênero, raça, classe e sexualidade numa rede de saberes e poderes.

A estudante problematiza a atualização dessa visão num material publicado pela Direção Executiva nacional dos estudantes de medicina em 2015⁸. Nessa reflexão, as tecnologias de ensino, concepções e questões fundamentais da educação médica são interrogadas a partir das relações entre o currículo oculto, a formação profissional e as opressões de classe, raça e gênero.

Esse viés classista, de raça e gênero aponta para a questão interseccional da questão do entrelaçamento das formas das opressões e da necessidade histórica, social, cultural, política e econômica de combatê-las tal como sistematicamente por autoras feministas tais como Angela Davis (2016). A hierarquia emerge como uma das principais manifestações de uma forma metodológica e ideológica de ensino com fortes características opressoras.

A nossa metodologia de ensino também não deve escapar aos questionamentos. O modelo de aulas magnas, com duração de três ou quatro horas, que se estendem em período integral, além de serem baseadas numa construção do currículo antiquada, corrobora para a alienação do estudante de medicina. Todas as atividades alheias ao universo da faculdade passam a ser inacessíveis e o estudante se fecha nesse universo. Ali, devido à hierarquia caracterizada acima, temos como

⁸ DIREÇÃO EXECUTIVA NACIONAL DE ESTUDANTES DE MEDICINA. **Trote e Currículo Oculto: a formação médica para além do que se vê**. São Paulo: Coordenação de Cultura da DENEM, 2015.

grandes modelos nossos professores. Assim, a verdade por eles nos passada nunca é questionada, e a passagem do conhecimento é vertical, havendo limitação para as discussões e construção do intelecto do aluno de forma crítica e emancipadora (MENCACCI *In* DENEM, 2015)

No mesmo material publicado pela entidade, Marco Akerman afirma o caráter invisível e ostensivo dessas práticas patriarcais no seio das escolas de medicina. Discutindo a necessidade de se evidenciar o currículo oculto, diz ele “O poder está distribuído de forma desigual nas escolas médicas entre homens e mulheres, negros e brancos, ricos e pobres. Não há quase nenhum professor negro nas escolas médicas e a maioria dos professores titulares são homens”. (AKERMAN *In* DENEM, 2015).

A absolvição recente do estudante de medicina branco e oriundo das elites nos remete a uma passagem de Minayo (2006) e amarra a discussão que fizemos até o momento. Os interesses corporativos e elitizados com forte conotação racista e classista nos indica um cenário em que as críticas feministas e subalternas se inscrevem. A crítica, portanto, é necessária para que não se recaiam em reducionismos. O biologismo denunciado por Mencacci, pulou alguns parágrafos e voltou à cena. A ligação entre o conservadorismo político e o autoritarismo epistêmico e disciplinar são gêmeos hegemônicos.

As teorias biologistas, no entanto, não podem ser consideradas conclusivas por si sós, pois, se assim fossem valorizadas, correríamos o risco do reducionismo unidisciplinar e político. Todo o conhecimento desenvolvido pela sociologia e pela psicologia criminal demonstra serem as pessoas das classes subalternas muito mais facilmente “aprendidas em delito”, do que as das classes dominantes: seriam esses fatores ambientais e culturais (ou seja, ter nascido pobre e em ambiente pobre, nas periferias urbanas) (...)” (MINAYO, 2006, p. 77)

Dessa forma, a naturalização dessas práticas discriminatórias em seio de entidades tradicionais no cenário universitário brasileiro apontam para a necessidade de sua problematização visto que, como vimos até o momento, o recorte de classe, raça, gênero e sexo é um marcador social, cultural e político explícito no cotidiano desse campo.

Realizadas essas considerações em nossa introdução adentraremos agora no tema do segundo tópico do artigo. Nele discutiremos de forma mais panorâmica e histórica as relações de poder existentes entre corpo, gênero e violência na formação social, ética e educacional dos estudantes de medicina

no contexto das práticas culturais e políticas que atravessam os discursos e práticas inscritas na educação médica.

OBJETIVO E ABORDAGEM METODOLÓGICA DA PESQUISA

O objetivo do artigo é problematizar as relações de poder existentes entre corpo, gênero e violência na formação social, ética e educacional dos estudantes de medicina. A investigação parte dos relatos discentes sobre trotes e violências de gênero ocorridas em calouradas de medicina que foram publicados em jornais acadêmicos, cartilhas produzidas pela Diretoria Nacional dos Estudantes de Medicina (DENEM), coletâneas e artigos científicos sobre educação médica. A análise e revisão bibliográfica, literária, conceitual e epistemológica dos livros, artigos, documentos, discursos, memórias e entrevistas pesquisados e colhidos são escrutinados junto às perspectivas teóricas e metodológicas propostas por Michel Foucault.

Os objetivos e metodologias inscritos nas posturas teóricas e epistemológicas exercitadas nesse trabalho estão implicados nas relações de poder existentes entre setores hegemônicos do campo medicina e a produção de conhecimento das investigações desenvolvidas por pesquisadores oriundos da área das ciências humanas e sociais no campo da saúde e da medicina.

Essas relações de poder hegemônicas no campo da saúde e da medicina se amparam em visões neopositivistas que percebem a realidade de forma objetiva a partir de lógicas sociais esquemáticas e deterministas. Elas traduzem, no campo teórico, os interesses capitalistas das corporações médicas e do complexo industrial da saúde.

Por seu turno, as dimensões históricas, econômicas, ambientais, sociais, culturais e políticas que circunscrevem o trabalho apontam para um cenário de guerras culturais e disputas de narrativas que envolvem e atravessam as concepções, práticas e relações socioeducacionais na educação médica. Desdobramentos e influências dessas concepções, práticas e relações podem ser percebidos de forma difusa na vida cotidiana, social, política, cultural e educacional. Na história do presente vimos a emergência de cenários e narrativas conservadoras, autoritárias, obscurantistas e negacionistas que impactaram de forma necropolítica a saúde da população brasileira colidindo frontalmente com perspectivas democráticas, horizontais e populares.

Exemplos paradigmáticos desses fenômenos foram os casos dos embates que envolveram a vacinação durante o período na Pandemia e o projeto Escola sem Partido.

Nesse contexto, os objetivos e metodologias do artigo dialogam com as reflexões minoritárias atravessadas pelo recorte interseccional de classe, raça, gênero e etnia que incorpora, em seu quadro analítico e conceitual, uma percepção da crítica ao capitalismo, ao colonialismo, ao machismo, ao sexismo e ao patriarcado a partir de uma realidade dinâmica, conflituosa, violenta, assimétrica e subalternizada.

Como pano de fundo, a pesquisa salienta a importância teórica e metodológica do diálogo epistemológico e ontológico entre os saberes ancestrais, quilombolas, indígenas e populares e as formas alternativas de racionalidade presentes no campo da educação médica e da formação ética, educacional, cultural e política dos estudantes de medicina.

Nesse sentido, a abordagem aqui proposta realiza um duplo afastamento diante desse cenário apresentado no contexto de guerras culturais e narrativas. Em primeiro lugar, realiza uma crítica democrática às abordagens capitalistas, hegemônicas, neopositivistas e corporativas do campo da educação médica que se associam atualmente às vertentes políticas conservadoras e negacionistas sem recair numa adesão pós-iluminista ao credo no mito do progresso e do sujeito racional moderno. Em segundo lugar, exercita uma crítica minoritária e interseccional sem recair em determinismos identitários que isolariam as conexões existentes entre as experiências micropolíticas e os contextos macroestruturais das sociabilidades contemporâneas.

RELAÇÕES DE PODER NAS PRÁTICAS CULTURAIS E POLÍTICAS DOS SABERES E PODERES MÉDICOS

Questões tais como o Erro Médico, o Ato Médico, as Cotas nas Universidades Públicas, o Mais Médicos⁹ e o Mercado de Trabalho no interior do Brasil para Médicos, se inscrevem no campo político dos saberes e poderes médicos por conta do seu impacto direto na população. O debate em torno do erro médico, exemplo ilustrativo e judicializado de um fenômeno atesta a

⁹ TELLES, Helcimara (org). **Mais médicos**: as vozes dos atores e os impactos do programa na atenção básica à saúde. Belo Horizonte: editora UFMG, 2019.

dimensão desse impacto¹⁰. Os altíssimos indicadores de mortes na população e seus desdobramentos sociais, éticos, jurídicos e penais ilustra o entrelaçamento existente entre a educação, a formação médica e as assimetrias, hierarquizações e subalternizações existentes entre saberes e poderes que perpassam e atravessam a formação social, ética e educacional dos estudantes de medicina, assim como das suas necessárias problematizações. Citando Paulo Freire em postagem realizada no facebook dia 29 de Agosto de 2018, Maurício Petrolli, estudante de medicina desenvolve um análise sobre “educação sexual nas escolas” e afirma que

Se tivéssemos educação sexual nas escolas, teríamos mais gays, lésbicas, bissexuais ou transexuais? Não sei, talvez sim. Talvez as pessoas compreendessem, desde cedo, que o que sentem e desejam é permitido e não se sentissem culpadas por isso. Talvez essas crianças não crescessem sob o peso de discursos punitivos e se tornassem pais mais compreensivos para as crianças que vierem depois (...) Mas, educação sexual não se restringe a encorajar o autoconhecimento e entendimento das nossas orientações sexuais e identidades de gênero. (...) Tem uma frase do Paulo Freire que diz que "ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo". A educação sexual existe, dentro ou fora da escola ela é realizada a todo instante. Mas, é uma educação punitiva, discriminatória e que gera sofrimento, violência, abandono, solidão e morte. O que temos é a opção por formas de educação que nos tornem melhores e que permitam a todos condições plenas de desenvolvimento físico, emocional, intelectual e relacional, e não que priorizem alguns de nós às custas do apagamento de todos os outros.

Sob a volatilidade do suporte digital, o mesmo estudante analisa, noutra postagem virtual, a relação dos saberes e poderes médicos com o corpo¹¹. À questão da sexualidade aludida anteriormente se soma a perspectiva indissolúvel do corpo. Ambas imersas num cotidiano de gênero e violência.

Fugindo um pouco do assunto eleições, embora sempre seja bom repetir que [#Elenão](#), queria compartilhar algo que tem me

¹⁰ SALAMACHA, Consuelo Taques Ferreira. **Erro Médico**: inversão do ônus da prova. Curitiba: Juruá, 2013.

¹¹ ROHDEN, Fabíola. **Uma Ciência da Diferença**: sexo e gênero na medicina da mulher. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2001.

incomodado há bastante tempo na relação entre médicos e seus pacientes: as autorizações e os investimentos sobre o corpo. Quando recebemos um diploma ou mesmo antes, ao atendermos pacientes ainda como acadêmicos, somos autorizados a dizer coisas sobre um corpo que não é nosso, e mais do que isso: manipular um corpo que não é nosso. E isso faz parte da prática médica. A investigação de processos de adoecimento quase sempre inicia com a escuta de um paciente seguida do exame das marcas impressas no seu corpo, dos registros que ele carrega e que nos permitem ver, observar, deduzir, interpretar e configurar hipóteses. A questão é "como" isso é realizado. E aqui o método é mais do que um artifício: é um argumento de poder.

Através dessas intervenções e narrativas de estudantes de medicina podemos perceber como as relações entre corpo, gênero, sexualidade, raça, saber e poder estão conectadas. São múltiplas as vozes que atuam e atravessam as crenças e os desejos dos graduandos em Medicina. Esses discursos em rede atuam em forma múltipla e multiprofissional atentos às questões multifatoriais e fazem emergir saberes e poderes etnocentricamente ocultados pela tradição na educação e formação médica.

Essa multiplicidade de vozes e perspectivas sugerem que os saberes e poderes científicos são relacionáveis às expressões verbais, as gírias e idiossincrasias coloquiais e gramaticais e prosódicas do falar médico¹², aos saberes populares e ancestrais no campo médico, assim como as manifestações e expressões culturais e artísticas contemporâneas de estudantes de medicina¹³.

Da caça às bruxas medievais à inquisição portuguesa, as artes e ofícios de curar vivenciados durante as passagens e as paisagens sociais, políticas e culturais da colônia, o império e a república por charlatães, curandeiros e médicos, as feitiçarias e os conhecimentos indígenas disputam o reconhecimento e lutam contra o silenciamento operado ao longo da institucionalização do imaginário médico tal como apontaram Chalhoub (2003) e Walker (2013).

¹² PETERSON, Christopher. **Trambiclinicas, Pilantrópicos, Embromeds**: Um ensaio sobre a gíria médica. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2002.

¹³ Ver as vivências e experiências de uma estudante de medicina em forma de história em quadrinhos. B. Cynthia. **Estudante de Medicina**. São Paulo: Veneta, 2017.

Casos históricos de “violência epistêmica” como o Dr. Abel Parente¹⁴ que transversalizou a prática de esterilização e contracepção das mulheres – bem antes da pílula anticoncepcional – ou do debate sobre violência sexual e aborto entre Leonídio Ribeiro e Érico Coelho são um exemplo da força de capilarização social, cultural, política e jurídica dos saberes e poderes médico¹⁵. Em ambos os casos, a questão de gênero, do corpo e da violência está inscrita nas relações de saber e poder na educação médica.

Durante o 53º Congresso Brasileiro de Educação Médica (COBEM) presenciamos de forma mais intensa a questão do gênero nas relações de saber e poder na educação médica¹⁶. Foi colocado um mural num espaço central do evento em que foram escritas e performatizadas várias denúncias de abusos, violências, estupros, assédios, violências, práticas homofóbicas, machistas e assédio moral cometidas por professores e alunos diante das alunas e colegas do curso de Medicina. Os relatos chamaram a atenção para a temática durante o evento e uma mistura de desconforto e sensação de liberdade pairaram no ar. O desconforto causado por conta da denúncia e a sensação de liberdade ativada pela possibilidade de materializar aquele tipo de denúncia.

Como vimos acompanhando, essas misturas de desconfortos, liberdades e denúncias são exercitadas de diversas formas por estudantes de medicina subalternizados. É o que observamos, dessa vez, na postagem de uma estudante publicado num grupo do WhatZap que compôs o Encontro Científico dos Estudantes de Medicina (ECEM). Postada no dia 23 de Setembro, a mensagem diz respeito ao dia mundial da visibilidade bissexual. Na passagem podemos apreciar o sintético elenco dos conceitos esposados nesse tópico corpo, gênero, violência e os saberes e poderes que os circunscrevem¹⁷

¹⁴ Ver ROHDEN, Fabíola. **Uma Ciência da Diferença**: sexo e gênero na medicina da mulher. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2001.

¹⁵ Ver Duarte, Luiz Fernando Dias (Org) **Psicologização no Brasil**: atores e autores. Rio de Janeiro: Capa Livraria, 2005.

¹⁶ Ver LIMA NETO, Felipe Franklin de. **Hipócrates do Amanhã**: as ligas acadêmicas de medicina e a educação médica na UFC. Tese de Doutorado, 2016.

¹⁷ Duas autoras contemporâneas discutem o tema do corpo, gênero, violência e os saberes e poderes que os atravessam numa perspectiva pós-foucaultiana. Nesse sentido, ver a discussão de Beatriz Preciado sobre o Capitalismo Farmacopornográfico e suas relações com a Medicina. PRECIADO, Beatriz. **Manifesto Contrassexual**. São Paulo: N-1 edições, 2014. Ver ainda BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

23 de Setembro, hoje, é dia da visibilidade bissexual. Vivemos em uma sociedade heteronormativa que normaliza a monossexualidade colocando pessoas bissexuais na marginalização. Muitas vezes essas pessoas sofrem retaliação do próprio movimento LGBT que apaga sua existência e cria um falso critério de normalidade. Para tanto, precisamos dar destaque a essa temática e construir coletivamente uma alternativa libertária de mundo. Uma alternativa que supere a imposição das monossexualidades e nos dê liberdade para sermos quem somos e gostarmos de quem gostamos. Ajude a promover a visibilidade trocando sua foto de perfil no link — visibilidade bissexuall.

Do ponto de vista epistemológico e político, as visibilidades desses calendários, datas e éticas alternativas e minoritárias podem ser relacionadas aos saberes e poderes de áreas como a Ginecologia, a Pediatria e a Obstetrícia. Esses campos também sofrem a imposição de processos normalizadores e levantam os limites, impasses e desafios ativados pela questão de gênero na teoria, na prática, na formação e na educação médica¹⁸, por conseguinte. E nessa dimensão das relações entre saberes, práticas, poderes e violências, educação e formação médica, a questão do erro médico¹⁹ adquire uma dimensão estratégica que deve ser nomeada, acionada e examinada nesse debate.

Setores corporativos do campo médico tentam ocultar os escândalos que envolvem a sua negligência tal como ocorre com a subnotificação dos erros médicos. Após uma troca de informações sobre o tema do erro médico²⁰ no dia 8 de Maio verificamos a trágica e ostensiva presença dessa questão. O título da matéria que enviamos para um de nossos interlocutores na pesquisa era intitulada *Erro Médico pode ser a terceira causa de mortes nos Estados Unidos*.

Erro Médico pode ser a terceira causa de mortes nos Estados Unidos. Na certidão de óbito nunca aparece "erro médico" como causa de morte, por isso os investigadores tiveram de usar estimativas. Os resultados apresentados servem como alerta. Falhas de comunicação, equipas mal coordenadas ou diagnósticos errados

¹⁸ Ver ROHDEN, Fabíola. **Uma Ciência da Diferença**: sexo e gênero na medicina da mulher. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2001.

¹⁹ SALAMACHA, Consuelo Taques Ferreira. **Erro Médico**: inversão do ônus da prova. Curitiba: Juruá, 2013.

²⁰ Ver Matéria postada em 5 de Maio de 2016. <http://observador.pt/2016/05/05/erro-medico-pode-terceira-caoa-morte-nos-estados-unidos/> Mais recentemente. <https://observatorio3setor.org.br/media-center/videos/acada-hora-6-pessoas-morrem-no-brasil-por-erros-em-hospitais/>

nunca aparecem como causa de morte primária numa certidão de óbito, embora possam ter levado à morte do doente. Sem dados concretos, os investigadores tiveram de se basear em estimativas, mas a conclusão é clara: as mortes causadas por erros médicos estão largamente subvalorizadas e mal estudadas. (...) Fazer uma abordagem mais rigorosa do problema, é a única forma de proteger a saúde dos doentes. —Um reconhecimento mais apropriado do papel dos erros médicos na morte dos doentes pode aumentar a consciencialização e guiar as colaborações e os financiamentos em investigação e prevenção.

O arremate dessa nebulosa questão de saúde pública foi experienciado numa trágica situação ocorrida com uma estudante de medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Ou seja, ao lado dessas mortais subnotificações e negligências éticas, acadêmicas e profissionais se coadunam as arbitrariedades sentidas na ponta do atendimento. É que a resposta a essa mensagem veio acompanhada e seguida de um imprevisível desdobramento. Uma colega estudante de medicina da Universidade Federal de Santa Maria no Rio Grande do Sul morreu²¹.

Tranquilo Maurício? Compartilhando essa intrigante matéria²². *Bah, que realidade assustadora Perdemos uma colega estudante de medicina, em Santa Maria, na semana passada, por erro médico*³⁰⁹. *Vc chegou a ver? (...)* Não. Uma estudante? Caramba. Meus pêsames Maurício. Li aqui agora. Lamentável. (...) *Oi, Felipe! Desculpa pela demora. Tava voando pro Rio. Pois é, ela procurou diversos serviços de saúde, inclusive o hospital universitário, e não foi bem atendida. Os residentes queriam passar o Tamiflu, mas parece que um staff disse que não precisava, que não era H1N1. O resultado foi trágico.*

Esse resultado trágico foi alvo de protestos dos estudantes. Uma demanda dos estudantes é a de que eles tenham um tratamento diferenciado por estarem constantemente diante de pessoas doentes e, portanto, mais suscetíveis e vulneráveis ao acometimento das doenças. Contudo, o acontecimento sinaliza e atesta a ocorrência de negligência no atendimento

²¹<http://diariodesantamaria.clicrbs.com.br/rs/geral-policial/noticia/2016/05/estudantes-de-medicina-da-ufsm-fazem-protesto-apos-morte-de-colega-com-suspeita-de-gripe-a-5791494.html>

prestado por um serviço público ligado ao campo médico onde a formação e a educação médica universitária se interpenetram.

Estudantes de Medicina da UFSM fazem protesto após morte de colega com suspeita de gripe A. Jovem morreu na última sexta-feira e teria procurado auxílio médico na quarta-feira. Um grupo de cerca de 30 estudantes do curso de Medicina da UFSM protestou, na manhã desta segunda-feira, após a morte de uma colega de turma que teria ocorrido por suspeita de infecção pelo vírus H1N1. 10 coisas que você precisa saber sobre a gripe e a vacinação A manifestação aconteceu no Centro de Ciências da Saúde (CCS) no campus da instituição, em Camobi. Revoltados e muitos emocionados, os alunos penduraram os jalecos no hall de entrada do prédio e espalharam cartazes com dizeres como "eu tiro o meu jaleco para quem não atende as pessoas" e "eu visto o meu jaleco pela vida". Eles afirmaram que a estudante não teria recebido o atendimento adequado na última quarta-feira, quando procurou o Pronto-Socorro (PS) do Hospital Universitário de Santa Maria (Husm) apresentando um quadro de febre alta e tosse. Vacinação contra a gripe segue em cinco postos de Santa Maria. Ainda conforme os alunos, dois professores que a teriam atendido não teriam dado ao caso a importância que ele merecia e a mandaram de volta para casa sem o tratamento adequado. Na quinta-feira, ela deu entrada no Hospital de Caridade, onde morreu, no dia seguinte.

A referência a esse triste e lamentável episódio ilustra as complexas e mortais relações entre corpo, gênero, violência e educação médica inscritas no erro e na negligência médica.

Tal como sugere as relações entre as premissas nas quais se sustenta as assimétricas relações entre a pressuposta objetividade do saber médico e a subjetividade da experiência vivida do doente indicam uma chave de leitura para a questão.

Quando o médico substituiu à queixa do doente e à sua representação subjetiva das causas de seu mal o que a racionalidade obriga a reconhecer como a verdade de sua doença, o médico nem por isso reduz a subjetividade do doente (...) Em resumo, é impossível anular na objetividade do saber médico, a subjetividade da experiência vivida no doente. Não é, então, nessa impotência que se deve buscar a falha característica do exercício da medicina. Ela tem lugar no esquecimento, tomado em sentido freudiano, do

poder de desdobramento próprio ao médico que lhe permitiria projetar-se ele mesmo na situação de doente, *a objetividade de seu saber não sendo repudiada, mas colocada entre parênteses*. Por que cabe ao médico imaginar que ele é um doente potencial e que ele não está mais seguro do que seus doentes de conseguir, se for o caso, substituir pelos seus conhecimentos sua angústia (CANGUILHEM, 2012: 450) [(Grifos meus)].

As observações do médico filósofo indicam raízes profundas para a negligência e a falta de atenção mortal dos professores de medicina que protagonizaram mais um criminoso caso estrutural cotidiano. A naturalização dos procedimentos médicos cegamente seguidos requer uma apreciação crítica social que escape às dimensões corporativas e estatísticas do campo médico. É que a regularidade assombrosa com a qual esses corpos são mortos por erro médico no país levanta questões sobre a formação e a educação médica visto que denunciam a exposição e a vulnerabilidade biológica, social, cultural e política dos jovens corpos assimetricamente posicionados.

Nesse sentido, a posição estratégica e necropolítica que a racionalidade do discurso médico assume em nossa sociedade através de práticas, procedimentos e protocolos clínicos e terapêuticos, as lógicas de argumentação, a potência e o discurso médico na educação médica²³ sugere que essas dimensões são regidas pelas relações entre corpo, gênero e violência.

CORPO, GÊNERO E VIOLÊNCIA NA EDUCAÇÃO MÉDICA

Casos cotidianos tais como as pixações relatando casos de violência e estupro em muros do Campus de Porangabussu do curso de Medicina da UFC, os painéis denunciando práticas machistas e homofóbicas nos encontros brasileiros de educação médica, os trotes mortais e escandalosos na USP assim como caso históricos tal como a acerba polêmica que envolveu o Dr. Abel Parente mostram as explosivas relações entre a medicina, a sociedade, o corpo²⁴, o gênero e a violência²⁵.

²³ Ver MARINS, João José Neves. REGO, Sergio (Orgs.). **Educação Médica: gestão, cuidado, avaliação**. São Paulo: HUCITEC; Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Educação Médica, 2011.

²⁴ Ver DEL PRIORE, Mary. AMANTINO, Márcia (Org.). **História do Corpo no Brasil**. São Paulo: Unesp, 2011.

²⁵ Abel Parente desenvolveu um método de esterilização das mulheres em 1893. Frente a possibilidade dessa anticoncepção abrir terreno à “liberação libertina do comportamento sexual feminino” – terrível agressão à

Nesse sentido, a “formação geral, humanista, crítica, reflexiva e ética” tal como preconizada em novas diretrizes e currículos de graduação em Medicina²⁶ precisa ser mediada e recortada pelos relatos e fragmentos de histórias reais vividas por mulheres que frequentaram de forma pioneira os bancos das faculdades de medicina do país também são impregnados de relações de poder e de gênero²⁷. Essas memórias escapam às oposições binárias que reproduzem uma cultura machista autoritária no campo médico e mostram os impasses, limites e desafios inscritos na educação médica.

O papel das mulheres em períodos de guerra e todas as intrigas e bastidores que envolvem a sua atuação e participação no mundo da saúde, da enfermagem e da medicina abrem inúmeras outras possibilidades e enfoques para a leitura dos fenômenos que vem atravessando os saberes e poderes médicos nas sociedades ²⁸. Nesse contexto, os saberes obstétricos e ginecológicos se cruzam historicamente, emergem e circulam saberes e poderes sociais, culturais, políticos e econômicos²⁹.

Essa história complexa e eurocentrada, tem o mérito de problematizar um período patriarcalmente compreendido da história medieval da caça às bruxas às tentativas de extinção das parteiras e curandeiras. Ela tematiza a exclusão das mulheres das práticas médicas, a emergência de práticas obstétricas e tecnológicas, a suspeição sobre os saberes tradicionais das parteiras e das curandeiras, o processo histórico de hospitalização do parto, a medicalização do corpo feminino e o debate nas escolas médicas sobre a condição feminina durante o Novecentos no contexto da medicalização da sociedade provocando implosivas considerações no tema³⁰.

Tradicional Família Brasileira e as forças da inércia do status quo de então, médicos, associações sociais, políticas e culturais combateram a política ginecológica e obstétrica do médico italiano radicado no Brasil em nome da —moral e dos bons costumes. RODHEN, Fabíola. **Uma Ciência da Diferença: sexo e gênero na medicina da mulher**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2001.

²⁶ Ver BATISTA, Nildo. VILELA, Rosana. BATISTA, Sylvia H. **Educação Médica no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2015.

²⁷Sobre, dentre outros pontos, a história de Francisca Barreto Prager, nascida a 21 de Outubro de 1872. Pioneira, ela foi a única mulher a se formar em medicina pela Faculdade de Medicina e Farmácia da Bahia, a primeira existente no Brasil, em 1893. Ver. Elisabeth Juliska. **Outras falas: feminismo e medicina na Bahia (1836- 1931)**. São Paulo: Annablume, 2007.

²⁸Ver DALLVA-SANTUCCI, Josette. **Mulheres e Médicas: as pioneiras da Medicina**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

²⁹VIEIRA, Elizabeth Meloni. **A Medicalização do Corpo Feminino**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2002

³⁰Ver VIEIRA, Elizabeth Meloni. **A Medicalização do Corpo Feminino**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2002.

Numa descontínua atualização desses contextos violentos, os hinos machistas e degradantes vociferados nas recepções de calouros de medicina reproduzem as relações entre corpo, gênero e violência na educação e na formação médica estruturadas historicamente. A atmosfera social, cultural e política em que ocorrem essas ofensas, assédios e humilhações sugerem que a disputa pelo reconhecimento dos corpos subalternizados e genitalizados se inscreve em termos biopolíticos e farmacopornográficos.

Para as calouras da Medicina, os abusos começam já na semana de recepção, quando são colocadas em círculo, por veteranos da Atlética, ao redor do famoso busto de Arnaldo Vieira de Carvalho, fundador e primeiro diretor da faculdade (—Dr. Arnaldol), e recebem a ordem de gritar —Bu!l, após o que os veteranos emendam um de seus —hinosl altamente machistas e degradantes: —*Buceta! Buceta!l Buceta eu como a seco!lNo cu eu passo cuspe!lMedicina é só na USP!* Foi assim que Renata Mencacci, 20 anos, aluna do segundo ano da FMUSP, teve seu primeiro e chocante contato com os —atletiqueirosl, em 2013. —Eles fizeram a gente andar até a Atlética de _elefantinho‘, o que é _superdesagradável‘, porque nessa posição a mão de alguém fica roçando seu genital. Quando cheguei à Atlética, falei que não queria, mas eles abriram minha boca para jogar bebida — _tem que beber‘. Uma invasão absurda!l, indigna-se a estudante. (...) Em uma faculdade de Medicina os professores titulares são quase todos brancos. E quase todos são homens. Então vou me formando dentro de uma cultura machista, de elite branca, sem saber —o ponto de vista do negro, da mulherl, diz Marco Akerman (...) A partir de uma reunião do NEGSS, alunas da FMUSP sentiram a necessidade de criar um grupo específico para defender a pauta das mulheres, o que resultou na criação do Coletivo Feminista Geni. A coragem de Phamela ao denunciar a violência sexual que tinha sofrido foi —fundamental para quebrar o pacto de silêncio que existe na faculdade, ressalta Renata Mencacci, uma das fundadoras do Geni.(...)

As disputas corporativas existentes entre a criação de uma Comissão de Direitos Humanos presidida por Paulo Saldiva, professor titular da FMUSP, os pactos corporativos que tentam silenciar, desmobilizar e cooptar a discussão dos assédios e das violentas manifestações racistas, homofóbicas e trotistas ocorridas na faculdade de Medicina da USP, assim como os relatos e denúncias dos estudantes cujos corpos são violentados, silenciados,

perseguidos, difamados e subalternizados de forma institucionalizada apontam para contextos e experiências nas quais os corpos subalternos lutam por reconhecimentos minoritários e contra-hegemônicos dentro dos campos sociais, políticos e educacionais hegemônicos inscritos no campo médico acadêmico e universitário³¹.

Apesar da repercussão do assédio moral de que o estudante foi vítima, a direção da FMUSP não se manifestou, tampouco abriu sindicância a respeito. —Algumas sindicâncias que deveriam ter sido abertas não foram. Quem vai alegar, hoje em dia, que não sabe que houve um caso grave de homofobia na Atlética em 2014, que saiu na mídia, saiu na CPI? Por que a faculdade não tomou a iniciativa de abrir uma sindicância? Todo mundo sabe o que o Show Medicina fez comigo, saiu um documentário na [TV] Band, estava na CPI, está no MP, nós expusemos na comissão. Não foi aberta uma sindicância sobre o meu caso. Eles esperam que eu peça?, desabafa Felipe. As instituições são as principais responsáveis pela manutenção de práticas trotistas como as perpetradas pela Atlética e pelo Show Medicina, acredita o sociólogo Almeida Jr. —A universidade dá a impressão de que quer esse grupo, porque é como um pacto: o grupo protege a universidade independentemente do que a universidade faça. (...). —Os interesses são muito complicados, a Medicina é muito corporativista.

A preocupação com as questões relativas ao corpo, ao gênero e à violência na Educação Médica, a medicalização do corpo feminino e o papel das mulheres na medicina se dá por conta de vários fenômenos e situações observadas em campo. Ditos e provérbios inspirados³², postagens nas redes sociais que naturalizam e ilustram o ritmo intenso da formação acadêmica a que os alunos são submetidos e internalizam como vimos acompanhando³³.

É que justaposta à ideologia médica e a ordem médica, se instalam as relações de saber e das relações de poder. Pedro Nava coloca patriarcalmente

³¹ APPLE, Michael. BURAS, Kristen. (Org.). **Currículo, poder e lutas educacionais**: com a palavra, os subalternos. Porto Alegre: Artmed, 2008.

³²Diz Pedro Nava após longa discussão sobre a educação sexual, no seu Balão Cativo. — Pornógrafos de todos os países, uni-vos!! (NAVA, 1973: 307).

³³Um dos estudantes que colaboraram na pesquisa postou a alegria de estar concluindo a sua graduação em sua página de Facebook. Entra a 112 turma. Sai a 108. Junto a postagem, uma foto com a turma tirada no campus do Porangabussu da UFC. Disse JM, entre os dias 13 e 14 de outubro de 2016. —Podem ir entrando porque eu já tô saindo! Muito feliz em estar concluindo a graduação com essa turma! #entraesai #sai108 #entra112 #podepassar #vaiqueétua —

essa possibilidade através da nomeação da questão da *vontade de foder tal* como inscrita no universo geracional das relações médico-paciente. No seu Galo das Trevas, ele oscila entre o desabafo, o testemunho, a revelação e a denúncia de supostas verdades secretas sobre a questão da sexualidade, das relações de amizade, as relações de poder e a perspectiva geracional entre aqueles que compõe a classe médica. Questão aparentemente emergente, Nava disserta sobre a presença ostensiva de uma “homossexualidade subclínica que habita os confins de todos”.

Perdemos, com a perda da mocidade, o prestígio sexual que é – ele também - motivação do *transfert* do doente para o médico. Muito da devoção de uma cliente pelo doutor é atração (às vezes não percebida) da mulher pelo macho. Vontade de foder. Dirão que a clínica não é feita só de mulheres e como? explicar a equivalência desse sentimento no paciente do sexo masculino. Ora, pelo mesmo motivo pois no relacionamento de homem para homem, no estabelecimento de uma confiança, de uma simpatia, de uma amizade - entra muito do terreno neutro da sexualidade, de uma espécie, digamos, dessa homossexualidade subclínica que habita os confins de todos. E na medida da diminuição do poder do médico – o poder de distribuir lugares, mandar doentes, traficar influências mesmo dentro da decência – crescem a audácia e a impertinência no círculo que vai nos devorar (...) Todo médico velho experimenta isto, morde esse pão cheio de terra e cinza, mas muito raros são aqueles que como eu têm a coragem de dizê-lo. Continuam ostentando o brilho das condecorações, dos títulos, dignidades, medalhas, prêmios, diplomas acadêmicos, - que não valem nada e que são só como a casca madrepórica, brilhante e multicolor do caramujo que é cheia de cintilações opalescentes por fora, mas dentro da qual habita apenas a memória dum bicho que já morreu . (NAVA. 2006; 86-7).

Ou seja, as relações assimétricas, patriarcais e sexualizadas entre médicos e pacientes não precisariam ser nomeadas, tampouco questionadas porquanto sejam tidas como algo natural, corriqueiro, anedótico, de menor importância. Ao mesmo tempo, porém, a elucidação dessas relações existentes no campo médico permitiriam revelar e abalar a estrutura de sua dominação.

Essa tensão permanente entre a suposta objetividade do saber médico e a subjetividade das experiências vividas pelos estudantes de medicina, doentes

e pacientes revela que é a própria racionalidade inscrita no regime de verdade dos saberes e poderes médicos que precisa ser continuamente interrogada.

O relato anedótico de Nava sugere uma dinâmica ética e moral, estrutural e conjuntural que envolve a questão dos saberes e poderes acionados no processo de formação e na educação médica acadêmica em termos de corpo, gênero e violência. Ou seja, essas vivências e experiências sexualizadas nos marcos de uma economia fálica são retroalimentados cotidianamente no campo médico da formação médica às relações médico-paciente.

Essas relações de dominação e de opressão exercitadas na educação e na formação médica institucionalizada de forma hegemônica tentam suprimir e abolir os afetos, saberes e poderes minoritários que acenam para uma ética mais diversa no campo médico que invoca a crítica de uma economia política alternativa de corpos e prazeres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os regimes de verdade estabelecidos em termos biopolíticos e farmacopornográficos problematizados nesse trabalho apontam a necessidade de aprofundar as reflexões das relações entre corpo, gênero e violência sob o recorte de classe, raça gênero e etnia na formação ética, social e educacional dos estudantes de medicina.

Ou seja, é necessário perceber a interdependência e a interseccionalidade existente entre fenômenos cotidianos inscritos sintomaticamente na formação médica que atravessa as falas, desejos, corpos, vontades e pensamentos que compõe a multiplicidade no campo médico que são violentados, assujeitados e subalternizados.

Escapar às determinações institucionais que ameaçam reger, do alto de sua tradição e prestígio as crenças, desejos e percepções das pupilas dos senhores reitores e diretores no mundo social do campo da formação médica. Por um lado, desmanchar a resistência frente ao suposto imediatismo impressionista que diuturnamente emergem nas denúncias, polêmicas, sobressaltos, relatos e abalos individuais que emergem diuturnamente em um mundo social curiosamente perplexo. Caminhar e ouvir as vozes dos corredores, pátios e salas que denunciam o incômodo e a audácia do inoportuno, da emergência de uma memória que almeja ser história,

emparedada e asfixiada por estruturas, funções e denúncias que ecoam no silêncio compenetrado do mundo acadêmico.

As disputas, fraturas, rachaduras, sofrimentos, violências sociais, culturais e políticas são das mais variadas matizes no seio do corpo médico. Se esses enfretamentos são geracionais episódicos e pontuais, ou se serão naturalizados e incorporados aos esquemas tradicionais de percepção da formação dos estudantes de medicina em seu viés elitista, classista, racista e homofóbico é um exercício de futurologia de tempos imemoriais há muito sem eficácia prática no chão das experiências cotidianas.

Contudo, os embates atuais ocorridos e registrados através das intervenções em congressos médicos, criação de coletivos feministas, discussões sistemáticas e posicionamentos nas redes sociais, denúncias universitárias que adentram assembleias legislativas indicam também a latência e a potência de outros cenários e relações de forças. É no interior dessa análise do regime de verdade classista, racista, homofóbico, patriarcal e etnocêntrico encontrado no seio da tradição médica de formação e educação acadêmica e universitária que essas lutas e demandas operam.

Portanto, observamos as discontinuidades e as diferenças históricas que se situam os limites, rupturas, impasses e desafios de um processo institucional e corporativo que busca estabelecer formas únicas e imperiais de registro e reconhecimento de uma economia sexual dos corpos que não se enquadra na dominação patriarcal e na ordem social médica estabelecida. Trata-se, no momento histórico, de uma feminina história masculina da história da formação médica comum para todos os gêneros nas faculdades de medicina do país que implica e sugere desdobramentos.

BODY, GENDER AND VIOLENCE IN MEDICAL EDUCATION

Abstract: The aim of the article is to problematize the existing power relations between the body, gender and violence in the social, ethical and educational background of medical students. The investigation starts from student reports about hazing and gender violence that occurred in medical freshmen that were published in academic journals, booklets produced by the National Directorate of Medical Students (DENEM), collections and scientific articles on medical education. The bibliographical, literary, conceptual and epistemological analysis and review of the books, articles, documents, speeches, memoirs and interviews researched and collected are scrutinized along with the theoretical and methodological perspectives proposed by Michel Foucault. In this context, the knowledge, powers and strategies that cross the structures, agents,

representations, practices, asymmetries and conflicts in the objective and subjective criteria that frame, condition and dismantle the education and training of medical students are addressed. In this way, the problematization observes and identifies the emergence of counter-hegemonic practices and new discursive possibilities inscribed within the hegemonic formation of medical education. These multiple forms of questioning and existing resistance to patriarchal, racist, sexist and homophobic dynamics indicate that medical students' training processes are not homogeneous. Given the social, cultural, political and economic impacts triggered by the unfolding of these formative processes, the diversity of conflicts, resistance, setbacks and emancipations that cross these processes mapped in the research demonstrates the need for democratic debate and the continuous deepening of the theme.

Keywords: *Body. Gender. Violence. Medical education.*

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor. **Educação e Emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- AKERMAN, Marco (Org). **“Bulindo” com a universidade**: um estudo sobre o trote na Medicina. Porto Alegre, Editora Rede Unida, 2014.
- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen, 2019.
- APPLE, Michael. BURAS, Kristen. (org). **Currículo, poder e lutas educacionais**: com a palavra, os subalternos. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- B, Cynthia. **Estudante de Medicina**. São Paulo: Veneta, 2017.
- BATISTA, Nildo. VILELA, Rosana. BATISTA, Sylvia H. **Educação Médica no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2015.
- BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- _____. **Relatar a si mesmo**: crítica da violência ética. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- CANGUILHEM, Georges. **Estudos de história e de filosofia das ciências**: concernentes aos vivos e à vida. Rio de Janeiro: Forense, 2012.
- CHAGAS, RRS, Castro CF, Moura VKST, Cavalcante JC, Cavalcanti SL, Freitas DA. “Percepções da Morte entre os Estudantes de Medicina”. *In Revist. Port.: Saúde e Sociedade*. 2016;1(3): 217-227.
- CHAGAS, Tiago. “A gente quer acabar com a família tradicional brasileira”, afirma dragqueen ativista da ideologia de gênero. *In Gospel Mais*. Acesso em 2 de Setembro de 2018. Disponível em: <https://noticias.gospelmais.com.br/vamos-acabar-familia-tradicional-brasileira-drag-queen-93289.html>
- CHALLOUB, Sidney (Org). **Artes e ofícios de curar no Brasil**: capítulos de história social. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.
- DIREÇÃO EXECUTIVA NACIONAL DE ESTUDANTES DE MEDICINA. **Trote e Currículo Oculto**: a formação médica para além do que se vê. São Paulo: Coordenação de Cultura da DENEM, 2015.
- DALL'AVA-SANTUCCI, Josete. **Mulheres e médicas**: as pioneiras da medicina. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

- DAVIS, Ângela. **Mulheres, cultura e política**. São Paulo: Boitempo, 2017
- DEL PRIORE, Mary. AMANTINO, Márcia (Org). **História do Corpo no Brasil**. São Paulo: Unesp, 2011.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. São Paulo: Paz e Terra, 2004
- _____. **O Nascimento da Clínica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- GREENHALG, Trisha. **Como ler artigos científicos**: fundamentos da medicina baseada em evidências. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- JUNIOR, Antônio Ribeiro de Almeida. **Trotes, violências e democracia nas universidades**. Dossiê Educação e Direitos Humanos. São Paulo: Diversitas / Núcleo de Estudos das Diversidades, Intolerâncias e Conflitos [da] Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas [da] Universidade de São Paulo. – Ano 3, n. 4 (mar. 2015/ set. 2015)- . -- São Paulo : DIVERSITAS/FFLCH/USP.
- LAMPERT, Jadete Barbosa. **Tendências de mudanças na formação médica no Brasil**: tipologias das escolas. São Paulo: Associação Brasileira de Educação Médica, 2009.
- LIMA NETO, Felipe Franklin de. **Hipócrates do Amanhã**: as ligas acadêmicas de medicina e a educação médica na UFC. Tese de Doutorado, 2016.
- MARIN, Juliana Cristina *et al.* “O Trote em uma faculdade de Medicina: uma Análise de seus Excessos e Influências Socioeconômicas”. *In Revista Brasileira de Educação Médica*. 32 (4) : 474–481; 2008
- MARINS, João José Neves. REGO, Sergio (Orgs.). **Educação Médica**: gestão, cuidado, avaliação. São Paulo: HUCITEC; Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Educação Médica, 2011.
- MATTOSO, G. **O calvário dos carecas**: história do trote estudantil. São Paulo: EMW. Editores, 1985.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Violência e Saúde**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2006.
- NAVA, Pedro. **Galo das Trevas**. V.5. São Paulo: Ateliê Editorial, 2006.
- _____. **Bau de Ossos**. V.1. São Paulo: Ateliê Editoria, 2005.
- _____. **Chão de Ferro**. V.3. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.
- _____. **Balão Cativo**. V.2. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.
- NOGUEIRA, Maria Inês. **Retratos da formação médica nos novos cenários de prática**. São Paulo: Hucitec, 2014.
- PETERSON, Christopher. **Trambiclinicas, Pilantrópicos, Embromeds**: Um ensaio sobre a gíria médica. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2002.
- PRECIADO, Beatriz. **Manifesto contrassexual**: práticas subversivas de identidade sexual. São Paulo: N-1 edições, 2014.
- RAGO, Elisabeth Juliska. **Outras Falas**: feminismo e medicina na Bahia (1836-1931). São Paulo: AnnaBlume, Fapesp, 2007.
- RIOS, Izabel Cristina. **Subjetividade Contemporânea na Educação Médica**: a formação humanística em medicina. São Paulo. Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, 2010. (Tese de Doutorado).

- ROHDEN, Fabíola. **Uma Ciência da Diferença**: sexo e gênero na medicina da mulher. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2001.
- SANSÃO, Luiza. **USP em Xeque**: As Veias Abertas da Faculdade de Medicina. Revista da USP. São Paulo: USP, 2015.
- STREIT, Derly Silva *et al.* **Educação Médica**: 10 anos de Diretrizes Curriculares Nacionais. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Educação Médica, 2012.
- SIMÕES, Mariana. “Exposições: ‘Eu recebi mais de cem ameaças de morte’, diz curador da exposição Queermuseu”. In **El País**. Acesso em 31 de Agosto de 2018. Disponível em https://brasil.elpais.com/brasil/2018/08/28/cultura/1535483191_606318.html
- TABAKMAN, Roxana. **A Saúde na Mídia**: Medicina para jornalistas – Jornalismo para médicos. São Paulo: Summus editorial, 2013.
- TELLES, Helcimara (Org). **Mais médicos**: as vozes dos atores e os impactos do programa na atenção básica à saúde. Belo Horizonte: editora UFMG, 2019.
- VIEIRA, Elizabeth Meloni. **A Medicalização do Corpo Feminino**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2002
- WARTH, Maria do Patrocínio Tenório Nunes. LISBOA, Luiz Felipe. **Tradição, trote e violência**. Interface - Comunic, Saúde, Educ. 1999.
- WALKER, Timothy. **Médicos, Medicina Popular e Inquisição**: a repressão das curas mágicas em Portugal durante o Iluminismo. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2013.

Recebido em 16/02/2022. Aprovado em 18/11/2022.